

EDITORIAL

Quanto ao futuro, Clarice Lispector

Mira Schendel, em 1960, pinta a palavra “sim” com tinta negra sobre papel manchado de vermelho. Yoko Ono, em 1966, monta a obra *Ceiling Painting* que pedia interação do espectador: subir uma escada para alcançar uma lupa e, de posse dela, ver distinguida no enorme teto branco um miúdo “yes”. Clarice Lispector, em 1977, publica *A hora da estrela* e assim começa sua novela, logo depois da “Dedicatória do autor”: “Tudo no mundo começou com um sim”.

Três mulheres estrangeiras e deslocadas, em sentidos amplos e em momentos próximos, invocaram a mesma partícula pequena, positiva e forte. De modo semelhante, organizamos o número 27 da Revista *Escrita* apostando no sim com o qual abraçamos tanto o ano de 2020, o último de nossas pesquisas no mestrado e no doutorado, quanto o universo suspenso desde março.

Para celebrar o centenário de Clarice Lispector, o editorial resolveu dissolver a tradição estabelecida por este periódico de dedicar um volume para o corpo discente do Programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade, e outro para o corpo discente do Programa de Estudos da Linguagem. A *Escrita* que agora lançamos passa menos pelo Programa ao qual se filia e mais pela *philia* (φιλία) que guia a publicação em torno de um desejo; e o desejo foi, sem dúvida, a análise crítica, a possibilidade de reflexão e o prazer pela literatura clariceana.

“Quanto ao futuro” – um dos treze títulos de *A hora da estrela* – batiza a edição 27, cujos artigos passaram por um duplo processo de avaliação às cegas: uma primeira fase feita pelos discentes, e uma segunda, por pareceristas docentes convidados. Nosso agradecimento se estende a todos os pesquisadores que submeteram seus trabalhos, ainda que não tenham sido recolhidos aqui, e especialmente a Claire Williams, professora associada de Literatura e Cultura Brasileira da Universidade de Oxford, responsável pelo texto de apresentação, que compartilhou conosco seu conhecimento e empolgação por meio de e-mails em tardes outonais.

Esta é uma *Escrita* que acena ao futuro: um futuro sem quarentenas e sem doenças. Mas, sobretudo, acena à construção de pontes intelectuais entre nossos pares de distintos

países e instituições de ensino. Que essa produção coletiva amplie a noção política, também ela necessária, positiva e forte como um sim.

As Editoras

Elizama Almeida e Marcela Lanius

Mestranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade

Doutoranda em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio